



Sankofa - Arte-educação agroecológica: o futuro é ancestral! *Sankofa - Agroecological art-education: the future is ancestral!*

FIÚZA, Agatha¹; PEREIRA, Luisa²; PORTO, Ana Carolina Figueira³
¹ UFRJ, tavaresfiuza@gmail.com; ² UFRJ, luisapereiracontato@gmail.com; ³ UFRJ, anaportobio@gmail.com

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Arte, Cultura, Comunicação Popular e Agroecologia

Resumo: O projeto Sankofa – Formação em Arte Educação Agroecológica “O futuro é ancestral” teve como objetivo promover vivências formativas em Arte-educação em temas relacionados à agroecologia, utilizando como critério curatorial artistas negros e indígenas. O projeto teve como público alvo estudantes, artistas, professores e mobilizadores sociais, interessados em debates sobre agroecologia e arte. Inspiradas na Arte-educadora Ana Mae Barbosa, foram apresentadas metodologias interdisciplinares baseadas na pedagogia triangular. O projeto contou com um ciclo de 8 oficinas com 4 temas norteadores, sendo estes: “terra, ar, água e fogo”. Cada elemento serviu de signo para relacionar de maneira teórico-prática as linguagens artísticas e conceitos introdutórios à agroecologia. As atividades foram realizadas em 2022 na agrofloresta Plantando na Moradia, localizada na Residência Estudantil da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ.

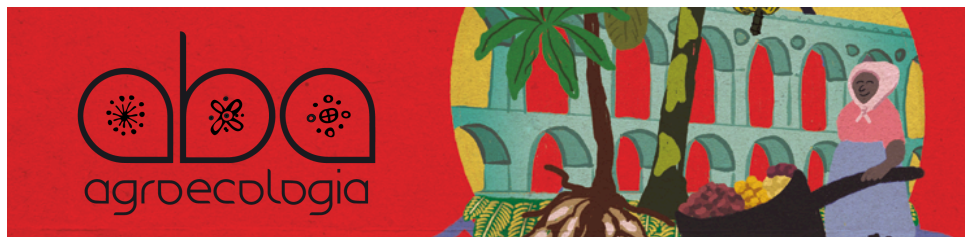
Palavras-Chave: arte-educação, agroecologia, interdisciplinaridade, decolonialidade.

Contexto

A proposta do projeto Sankofa foi trazer referências negras e indígenas e experimentações artísticas sob a perspectiva agroecológica. Utilizando-se da arte como forma de introduzir, comunicar e sensibilizar acerca das dimensões da agroecologia e suas subjetividades. Propomos aqui outras linguagens para trazer à tona, num processo educativo horizontal de troca de conhecimentos, as questões socioambientais que moldam nossas vivências.

A América Latina foi forjada em um conflito ambiental que delimitou barreiras entre as comunidades e a natureza, instaurando um modelo futuro extrativista que classifica o povo como mão-de-obra e a terra como recurso. A atual contemporaneidade reflete o caos gerado a partir da colonização e do domínio dos povos africanos e indígenas, bem como o epistemicídio de suas culturas. A colonialidade produziu um futuro moderno insustentável e a agroecologia propõem um futuro ancestral que reconheça as agriculturas de origem indígena, africana, quilombola e de todos os povos das comunidades tradicionais que salvaguardam a possibilidade de vida na terra como um todo.

Nas culturas africanas e indígenas, antes da colonização, não havia separação entre povo e natureza ou povo e arte. Esse deslocamento do ser de seu território material e imaterial produz o adoecimento psíquico e doenças físicas. O adinkra Sankofa faz referência ao provérbio tradicional dos povos de língua Akan da África Ocidental, em Gana, Togo e Costa do Marfim. “Se wo were fi na wosan kofa a yenki”



em Akan, em Português significa algo como: “Não é tabu voltar atrás e buscar o que esqueceu”. A cultura Akan através desse símbolo sintetiza a potência de um resgate ancestral por meio da arte e da cultura, visto que esta mensagem resistiu ao período da colonização através da estampa e da solda, e ainda hoje resiste e produz significado em diferentes linguagens artísticas. O futuro ancestral é anunciado através das culturas tradicionais, a muito tempo e no presente, o que é possível de ser realizado é o compartilhamento das culturas de cura e para isso é essencial que a arte-educação esteja alinhada a este projeto.

Tendo em vista a necessidade de políticas pedagógicas engajadas em referências e práticas decoloniais aplicáveis em sala de aula e em outros espaços educativos, optamos por utilizar a agrofloresta “Plantando na Moradia” como laboratório pedagógico. A agrofloresta “Plantando na Moradia” foi construída em 2012 por iniciativa dos estudantes de graduação da UFRJ, residentes no Alojamento Estudantil e atualmente, o projeto faz parte da Rede de Agroecologia da UFRJ.

As oficinas do projeto Sankofa, Arte-educação Agroecológica contaram com a participação assídua do público de estudantes de diferentes cursos e áreas de atuação, residentes no Alojamento Estudantil da UFRJ, bem como filhos de estudantes e pessoas de fora da comunidade acadêmica atuantes em diferentes regiões da cidade e do estado do Rio de Janeiro, dado que reforça o caráter interdisciplinar da proposta. O projeto ocorreu em 2022 financiado pelo edital de eventos de estudantes da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Descrição da experiência

Sankofa: formação em arte-educação: o futuro é ancestral! foi um projeto interdisciplinar de arte e agroecologia para professores, artistas e pessoas interessadas nesses temas. Nos baseamos na metodologia triangular da arte-educadora Ana Mae Barbosa a partir do livro “Abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais”. Aplicamos a metodologia triangular que consiste em três pilares: contextualização, apreciação e fazer artístico, buscando um ensino crítico e reflexivo. Contextualização entende-se como o momento de localizar a obra na história e articulá-la de maneira crítica em seu contexto sociocultural. A apreciação, se refere ao conhecimento gerado pela fruição da arte. O fazer artístico compreende-se como o momento de produção artística com referência nas propostas e conteúdos apresentados nas oficinas.

O projeto contou com um ciclo de 8 oficinas com 4 temas curatoriais, inspirados nos 4 elementos “terra, água, ar e fogo”. Cada elemento foi utilizado como signo para relacionar de maneira teórico-prática as linguagens artísticas e agroecológicas. Nos baseamos no livro Dicionário da Agroecologia e Educação da Fiocruz para o planejamento das apresentações teóricas e nos referenciamos em artistas negros e indígenas.

Iniciamos o curso e o eixo terra com a mesa de abertura “O futuro é ancestral” com



Jorge Paulino, professor de licenciatura em Artes Plásticas; Thállita Sanches, educadora em agroecologia do Centro de Educação da Serra da Misericórdia; e Vinícius Monte artista plástico que possui uma pesquisa artística sobre Adinkras.

O curso seguiu com a seguinte metodologia: a primeira parte das oficinas consistiu em uma contextualização teórica, em seguida uma experimentação prática, e ao final, um momento de reflexão compartilhada sobre os atravessamentos reverberados a partir dos temas que foram abordados na oficina. Entendemos aqui, através do Dicionário da Agroecologia e Educação, “terra” enquanto solo e território. A terra é um direito e também responsável pela manutenção e preservação das plantas, das águas, do clima, da vida dos animais e das nossas vidas. No que tangencia o campo das artes, conceituamos a terra como signo relacionado às noções de corpo e territorialidade. Seguindo o mesmo critério, classificamos a Água enquanto bem comum e não como mercadoria, relacionando-a aos conceitos agroecológicos. Abordamos também esse elemento ligado às emoções e ao subconsciente a partir da perspectiva artística. Ao abordarmos o elemento Ar, articulamos ao campo das artes e à agroecologia por reconhecer a potência expansiva dos ventos que promovem tanto a comunicação de ideias quanto a poluição levada pelo ar. E por fim, o elemento fogo como agente transformador e dicotômico, nos permitiu trabalhar questões como as queimadas para a ampliação das fronteiras do agronegócio e destruição de territórios, mas também a cocção dos alimentos e sua potência nutritiva provedora de saúde para tantos povos. Em uma interpretação mais artística, vinculamos este elemento à transformação e à expansão.

No eixo Terra, nos referenciamos na artista indígena Sallisa Rosa onde abordamos os conceitos de terra, território e corpo através da argila. No eixo água, os artistas abordados foram Juarez Oliveira, artista guaratibense e Lourdes Barreto a professora da Escola de Belas Artes da UFRJ. Foram abordados os impactos dos resíduos no meio ambiente e questões hidrográficas no território brasileiro.

Para as oficinas do eixo ar, apresentamos os trabalhos dos artistas Novíssimo Edgar e Felipe Nunes. Debates sobre os processos de produção e consumo de alimentos, reciclagem de nutrientes através da compostagem e o uso de agrotóxicos. No ciclo fogo, abordamos o livro *Tantas Histórias Indígenas* de origem das coisas e do universo de Daniel Munduruku e o trabalho da artista Rosana Paulino para refletir acerca da relação simbólica e dicotômica entre o ser humano e o fogo. Na segunda oficina deste eixo, trouxemos a alegoria do Mito da caverna e o filme “Filha Natural” Aline Mota.

Como conclusão de curso, realizamos a explosão “Postais para Sankofa” com os trabalhos artísticos desenvolvidos em cada oficina no formato postal. Cada um desses postais teve como destinatário “Sankofa”, como símbolo de conexão com a ancestralidade étnico racial em prol da continuidade dos saberes semeados e projetados através de cada um dos participantes. E como mística de encerramento, realizamos uma pintura muralista coletiva com pigmentos naturais. A pintura foi



inspirada nos conceitos e técnicas explorados ao longo do curso. A arquitetura foi uma aliada na perpetuação da memória iconográfica dos Adinkras e sua tecnologia ancestral africana. Através de portões e janelas de ferro, podemos ver o ideograma Sankofa que nos convida a olharmos para trás e buscar o que ficou. Não é difícil encontrarmos grafites estampados com adinkras pela cidade do Rio de Janeiro, em diálogo com essa técnica, mas entendendo os malefícios do spray para o meio ambiente, convidamos os participantes a experienciar uma prática de pintura mural com pigmentos orgânicos. Assim, por meio do fazer artístico, celebramos o passado presente em nós e a perspectiva de um futuro.

Resultados

O projeto como um todo foi uma oportunidade para um aprofundamento em pesquisa agroecológica aplicada a metodologias arte-educativas. Isso se configura como uma contribuição para a agroecologia ao passo que também foi um desafio, pois não há muitos referenciais teóricos sobre práticas como essas, interdisciplinares e não hegemônicas, principalmente quando falamos em agroecologia.

O principal objetivo alcançado foi colocar em contato, formar uma rede entre pessoas de diferentes áreas atuantes ou interessadas na educação em agroecologia e trazer esse referencial em artistas negros e indígenas. Experimentar possibilidades de uma educação não tradicional que leva em conta as vivências dos atores envolvidos, o que envolve o desafio de como inserir essas práticas no ambiente tradicional escolar. Uma observação é o baixo engajamento de pessoas da comunidade acadêmica em si, além dos moradores da residência estudantil. Tivemos mais pessoas de fora da universidade, demonstrando talvez a necessidade de colocarmos em pauta, assuntos e projetos como esse, num lugar de cada vez mais destaque dentro da academia, buscando trazer para um local de equidade e saberes populares e acadêmicos.

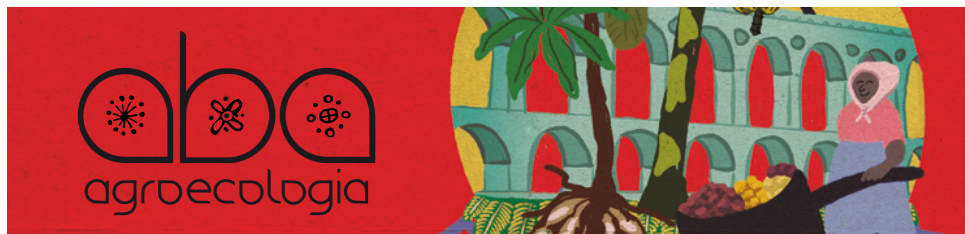
Agradecimentos

Agradecemos ao Departamento de Esporte, Cultura e Lazer da UFRJ (Decult) pelo apoio e financiamento do projeto através do edital de apoio à eventos de estudantes. A Rede de agroecologia por inspirar iniciativas agroecológicas, e ao Plantando na Moradia por nos proporcionar o espaço necessário para a realização do projeto.

Referências bibliográficas

NEVES, André. **Obax**. 1ª edição. São Paulo - SP. Editora Brinque- Book, 26 de abril de 2010.

MUNDURUKU, Daniel. **Outras tantas histórias indígenas de origem das coisas e do universo**. 1ª edição. São Paulo - SP. Global Editora, 1 de janeiro de 2018.



BARBOSA, Ana M.; DA CUNHA, Fernanda P. **Abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais**. 1ª edição. São Paulo - SP. Editora Cortez, 2010.

DIAS, Alexandre P.; STAUFFER, Anakeila de B.; DE MOURA, Luiz H. G.; VARGAS, Maria C. **Dicionário de Agroecologia e Educação**. 1ª edição. São Paulo, Rio de Janeiro. Editora Expressão Popular LTDA, 2021.